

CENTRO DE MEMÓRIA: POSSIBILIDADES DE PESQUISA E EXTENSÃO NA ESCOLA

MEMORY CENTER: POSSIBILITIES OF RESEARCH AND EXTENSION IN SCHOOL

MORAIS, Jacqueline de Fatima dos Santos¹

RESUMO

Este trabalho traz a experiência do projeto extensão Centro de Memória do CAp-UERJ. Este projeto está registrado na UERJ desde 2007 e possui como ações a identificação, manutenção e preservação da história de uma instituição escolar carioca de tradição e qualidade no campo da educação: Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). Para isso, nos concentramos no levantamento e organização do seu acervo escolar com vistas a consolidação de seu Centro de Memória. Enquanto um lugar da memória, o Centro de Memória do CAp-UERJ pode se constituir como um espaço de contribuição para a preservação do patrimônio material e imaterial desta instituição de ensino. As múltiplas dimensões e implicações deste projeto revelam a preocupação em não permitir que a experiência dos sujeitos que constroem cotidianamente a escola, se apague na falta de registro e preservação da história. Temos o compromisso ético e epistemológico com a construção de uma escola que se perceba como lócus de história e de memória.

Palavras-chave: Arquivo escolar. Centro de memória. Escola básica.

ABSTRACT

This work is about the experience of the Memorial CAp-UERJ extension project. This project is registered at UERJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) since 2007 and has actions such as the identification, maintenance and preservation of the history of a traditional and qualified carioca institution in the education field: Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ). For this, we focus on the collection and organization of its scholar archive in order to consolidate its Memorial Center. As a place of memory, the CAp-UERJ Memory Center can be an important place of contribution to the preservation of material and immaterial school patrimony. The multiple dimensions and implications of this project show the concern to not allow that the experience of individuals who build the school on daily basis cease to exist because of the lack of history registration and preservation. We are committed ethically and epistemologically with the construction of a school that is perceived as a locus of history and memory.

Key words: Scholar archive; Memory center; Basic school.

¹ Doutora em Educação (Unicamp). Procientista. Professora adjunta do Departamento de Educação da FFP-UERJ e do CAp-UERJ. Jacquelinemoraishotmail.com

Introdução

O *Centro de Memória do CAP-UERJ* é um projeto de extensão registrado na UERJ desde 2007 e possui uma dimensão de concretude: identificação, manutenção, e preservação da história de uma instituição escolar carioca de tradição e excelência no campo da educação. Para isso, suas ações se concentraram no levantamento e organização do acervo escolar do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAP-UERJ) com vistas a consolidação de seu Centro de Memória. Enquanto um *lugar da memória*, como afirmaria Le Goff (1984), o Centro de Memória do CAP-UERJ pode se constituir como um espaço de contribuição para a preservação do patrimônio material e imaterial desta instituição de ensino.

Por sua natureza complexa, este projeto nasceu tecido pelas discussões ligadas ao ensino fundamental, memória, história e narrativa. Suas múltiplas dimensões e implicações revelam a preocupação de não permitir que a experiência dos sujeitos que constroem cotidianamente a escola se apague na falta de registro e preservação da história (Benjamin, 1985). Além disso, também alimenta este trabalho de ação e pesquisa, o compromisso ético e epistemológico com a construção de uma escola que se perceba como lócus de história e de memória.

O projeto *Centro de Memória do CAP-UERJ* está vinculado ao primeiro grupo de pesquisa do ensino fundamental do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira. O *Grupo de Pesquisa Formação em Diálogo: Narrativas de Professoras, Currículos e Culturas* (GPFORMADI) foi fundado em 2006 num movimento de consolidação da pesquisa nesta unidade de ensino.

Nosso projeto encontra-se também vinculado a Faculdade de Formação de Professores, posto que tanto eu, coordenadora do projeto, como os bolsistas envolvidos estamos ligados a esta unidade de ensino.

Assim, nosso projeto de extensão tem sua centralidade no CAP-UERJ, em sua história, suas práticas pedagógicas, seu cotidiano. Este projeto de extensão traz implicações para o estudo da história de uma instituição escolar pública carioca, cuja representação social gira em torno de uma anunciada *excelência e qualidade pedagógica*. Produzindo e sendo produzido pela tessitura de um discurso que o aponta como *exceção educacional*, o Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, mais conhecido como CAP-UERJ (sigla originária de seu antigo nome: Colégio de Aplicação da UERJ) é descrito, tanto na mídia quanto no imaginário popular, como uma “ilha de excelência”, o que acaba por invisibilizar suas tantas contradições, criando a ilusão de uma homogeneidade interna de ações, processos e métodos escolares, simplificando a complexidade do cotidiano e apagando as diferenças institucionais internas.

Um recente acontecimento pode nos dar uma pista sobre a dimensão da representação de *escola de qualidade*, em torno da qual a imagem do CAP-UERJ parece ter sido construída. Esse acontecimento se refere ao sistema de ingresso que ocorre no 1º ano de escolaridade (antiga Classe de Alfabetização) desta instituição. Em novembro de 2008, disputando 30 vagas oferecidas para sorteio à comunidade, 1.800 famílias se acotovelavam no Teatro Noel Rosa, onde o sorteio se dava publicamente. Em 2009 esse número passou para mais de 2.400 candidatos. A matrícula na escola desejada por estas famílias seria resultante menos de uma decisão provocada pelo exercício do direito ao acesso a uma escola pública, e mais em função da contingência que a sorte ou sua ausência pode provocar no destino humano.

A cada nome sorteado, tantos outros ficavam excluídos deste direito, numa relação candidato-vaga muito mais acirrada do que para inúmeras carreiras oferecidas no vestibular deste ano. Como exemplo, podemos citar o curso de Medicina da UERJ, que para o vestibular de 2009 UERJ teve uma relação de 33 candidatos para 1 vaga, ou o curso de Direito que na UFRJ relacionou 45 candidatos para cada vaga oferecida. Poderíamos citar ainda Engenharia Mecânica, que na UERJ teve 14 inscritos para cada vaga. Cada um desses cursos, sem dúvida, ficou muito longe do que vimos no CAP. Dizemos isto para mostrar a relevância de uma ação que irá percorrer a memória e a cultura patrimonial de uma instituição que mostra, por sua história passada e presente, a aposta que as famílias ainda fazem em uma educação pública para seus filhos.

Assim, o projeto vai em busca da história (ou melhor, das histórias) de uma instituição educacional marcada por discursos que o identificam com sucesso, qualidade, excelência mas também com elitismo, exceção, seleção. Uma escola que por sua natureza e origem histórica, está ligada a uma Universidade, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro, o que traz novos coloridos e significações para esta história. A história desta escola, portanto, revela

e traz luz em boa medida para a história da educação, sendo, portanto, o exercício de compreensão não apenas de uma história individual, mas das histórias que compõe a história educacional.

O Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira tornou-se referência no cenário da educação carioca, mas pouco tem sido estudado. Menos ainda registrada, organizada e disponibilizada a sua história. Desta forma, um projeto que envolve extensão e pesquisa com vistas ao levantamento do seu acervo escolar visando à organização e preservação de sua memória educacional é importantíssimo, não apenas para esta escola especificamente, mas também para a própria UERJ, pois que sua história implica e revela a história das relações e tensões entre a universidade e a escola básica. O CAP-UERJ nasce no interior de uma universidade pública com a intenção de ser lócus de estágio e prática de ensino, o que revela já em sua gênese uma relação vertical entre os dois espaço. Mas o que mais revelará? O que podemos encontrar de aspectos significativos revelados por seus arquivos, documentos e registros? Haverá? Em que nível de preservação?

Assim, vamos buscar *conhecer esta escola em sua alteridade*, tal como ensina Neves e Martins (2008, p. 37) vivendo seu cotidiano, investigando as narrativas dos sujeitos que a vivem e a viveram, e analisando a documentação existente.

A organização do acervo desta instituição de ensino permite ainda, como nos convida Vidal (2006, p. 11), *refletir sobre a natureza e a importância dos Arquivos Escolares na produção de saberes da e sobre a escola*. Se por um lado vemos o cuidado na guarda daqueles documentos escolares que exercem uma função probatória, como fichas de matrícula, diários escolares, boletins bimestrais, o mesmo não conseguimos ver quando se trata de documentos de caráter históricos. Denominado de *arquivo morto*, uma parte dos documentos produzidos no cotidiano escolar terá por destino certo a destruição por ação do tempo e das condições precárias de conservação, cumprindo a profecia a que seu nome já anuncia na origem: *arquivo morto*. Outra parte dos documentos produzidos diariamente pela atividade pedagógica da escola e pelos *fazeres ordinários* (CERTEAU, 1994) do cotidiano, na maioria das vezes não tomados como documento, revelam e nos permitem compreender, através de olhares indiciários (Ginzburg, 1989), aspectos da escola não apreendidos antes.

A fim de constituir um espaço de recebimento, triagem, organização, preservação e disponibilização das fontes que contam e ressignificam a história do CAP, desde 2007, através das ações da profa. Leila Medeiros em negociações com a direção da escola, temos uma sala cedida com o objetivo de se constituir como um Centro de Memória. Estamos em fase de organização desta sala, recolhendo e catalogando os diferentes materiais e documentos que por ora estamos recebendo.

O desenvolvimento de espaços de memória institucional traz a necessidade de problematizarmos nossa história, sistematizando reflexões, organizando registros, materiais diversos, com intuito de dar certa organicidade à memória e, portanto, à história, sem esquecer também que os dados gerados durante a investigação precisam ser de acesso a todos os interessados, ficando disponível em lugar adequado. Assim organizado em Centro de Memória, o acesso de outros sujeitos à história do CAP-UERJ – pesquisadores, professores, alunos, familiares – pode representar um avanço na construção e socialização de um material que não se perpetua como privado mas que amplia seus usos e funções para outros sujeitos.

O acervo até agora preliminarmente identificado e coletado é formado de Arquivos e Coleções, documentação sonora, visual e iconográfica, provenientes da própria instituição, de doações de docentes e ex-docentes da escola e documentações produzidas por nós desde 2007, quando iniciamos uma investigação inicial sobre a história do CAP-UERJ. Os documentos que tratam da memória escolar são ricas fontes de informação e desejamos poder disponibilizá-las por meio de digitalização e acesso pessoal. Em relação a entrevistas a antigos alunos e docentes também já iniciamos sua realização e transcrição, tendo ao todo 07 entrevistas finalizadas, gravadas em áudio e vídeo.

Nosso objetivo é constituir em bases sólidas as informações recolhidas, com a constituição de acervos, com a organização, sistematização e disponibilização das diferentes fontes. Temos também intenção de dar suporte às atividades realizadas pelos professores no CAP-UERJ, oferecendo a possibilidade de utilização do acervo no apoio didático, no oferecimento de oficinas e cursos de extensão específicos da área de documentação, arquivologia e memória e história escolar.

Centro de Memória e arquivo escolar: o que são?

Esta é uma questão que temos perseguido desde que iniciamos nosso trabalho. E certamente não é uma questão menor. Afinal, como definir aquilo que tem sido nosso objeto de pesquisa? Como dizer do que tentamos, em meio a múltiplas dificuldades, organizar? Ou ainda: é preciso definir Centro de Memória? Com que fim?

Bakhtin, nosso companheiro de muitas trajetórias, nos traz pistas sobre essa questão quando afirma que as palavras estão sempre em uma arena, sempre em luta de sentidos. Assim, buscar sentidos para Centro de Memória ou arquivo escolar não é buscar conceitos verdadeiros, únicos e tranquilizadores, mas afirmar a complexidade e dialogismo das palavras.

Buscar um conceito de Centro de Memória não significa simplificar este lugar, apagar suas contradições, silenciar suas lutas de sentido, invisibilizando embates e divergências. Ao contrário, é trazer as marcas de sentidos outros que esta palavra carregou ao longo do tempo e ainda carrega. Resta-nos, então, falar de *sentidos* e não *sentido*. Mas como o fazer?

Os dicionários trazem alguns dos sentidos que as palavras recebem ao longo do tempo. São históricos, revelam que foram tecidos por homens e mulheres em movimentos de ação e pensamento sobre o mundo em certo tempo e lugar. Tiveram certa permanência.

Quanto a arquivo, a Associação de Arquivistas Brasileiros adota a seguinte definição para documento de Arquivo: *Conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independente da natureza dos suportes*. Entende-se também por arquivo, *a instituição ou serviço que tem por finalidade a custódia, o processamento técnico, a conservação e o acesso a documentos*. Outra definição de arquivo é aquela que o entende por *instalações onde funcionam arquivos*. Por último, podemos ainda considerar arquivo como sendo o *móvel destinado à guarda de documentos* (Dicionário brasileiro de terminologia arquivística, 2004, pág. 19). Por outro lado, consideramos arquivo escolar todos os documentos produzidos ou recebidos no decorrer das atividades dos estabelecimentos de ensino.

Muitos profissionais da Arquivologia se utilizam da teoria das *três idades*. (Schelleberg, 2006). Para esse autor, a primeira idade ou arquivos correntes seria constituído de documentos ativos, consultados frequentemente. Estes possuem um valor primário relacionado ao seu uso imediato e constante.

A segunda idade ou arquivo intermediário seria constituído de documentos semi-ativos que deixaram de ser utilizados frequentemente, mas podem ser solicitados eventualmente. Os registros ficam nesse setor aguardando se serão conservados ou descartados.

A terceira idade ou arquivos permanentes seriam aqueles constituídos de registros inalienáveis, com um valor secundário de pesquisas científicas posteriores, pelo seu valor histórico ou documental.

Para o trabalho na organização deste *lugar de memória*, consideramos que o nosso acervo tem características relativas à terceira idade. No nosso entendimento, todo acervo é dotado de especificidades e, portanto, de importância para a história da educação.

Medeiros (2009) afirma que os documentos escolares têm um grande valor histórico, pois permitem aos pesquisadores constatarem determinados eventos na educação. Os arquivos do

Centro de Memória do CAP-UERJ permitem compreender, mesmo que parcialmente, a didática e a forma de ensino predominante em um dado período da história do nosso colégio.

Desta maneira, se compreende que os arquivos escolares têm muito a informar à história da educação, possibilitando a elaboração de biografias escolares, relação entre a escola e a comunidade em que esta inserida, dentre outras possibilidades. Assim Medeiros (2009) ressalta que tudo produzido ou recebido na escola pode e deve compor os arquivos desta instituição.

A multiplicidade do acervo presente no cotidiano escolar, tais como livros didáticos, antigos mapas, filmes, fotos dentre outros documentos, pode informar sobre o contexto de ensino, como é ressaltado a seguir:

Ali, nos documentos, estão as memórias individual e coletiva da Educação. Não em sua totalidade, é evidente. Mas também não só memória, mas memórias: Memória do papel. Memória da tinta. Memória da letra. Memória da pena. Que tinta é aquela? Por certo uma daquelas obtidas com receita, que passou de professor a professor, ou de pai a pai, de aluno a aluno, antes da disseminação da tinta industrial. (MEDEIROS: 2009, p. 182)

Uma parte do acervo, tais como transferências, históricos escolares, diplomas etc., possui princípios inalienáveis garantidos por lei como o acesso à informação, inalienabilidade, imprescritibilidade, seleção controlada e proibição de destruição. Entretanto, no que diz respeito a documentos não oficiais (os quais também consideramos como documentos de construção do lugar de memória), diversas vezes os princípios mencionados não são considerados na gestão dos arquivos escolares.

Para se intensificar as reivindicações é preciso tomar consciência da necessidade de se estabelecer arquivos devidamente organizados, com recursos materiais e humanos adequados que possibilite o acesso da comunidade escolar e a democratização dos dados pesquisados.

Para isso, seguimos as técnicas arquivísticas para sistematização do Centro de Memória do CAP-UERJ. A seguir discutiremos como está sendo realizada a organização do nosso acervo.

Como se organiza o arquivo do Centro de Memória do CAP-UERJ?

Cada instituição possui características intrínsecas a produção e acumulação da sua documentação. No CAP-UERJ não é diferente. Na organização de nosso arquivo, procuramos respeitar a maneira pela qual se produziu o acervo, os motivos pelos quais a documentação foi produzida e também as causas para quais os documentos foram acumulados e/ou guardados.

O acervo do Centro de Memória do CAP-UERJ apresenta algumas particularidades que refletem o modo como o nosso arquivo está sendo organizado. A diversidade de documentos, no que diz respeito principalmente aos Suportes² e Espécie³ está sendo levado em consideração no levantamento preliminar da documentação. Todos os documentos como atas de reuniões de departamentos, de projetos de pesquisa e de relatórios de atividades pedagógicas, de boletins de notas, de fotografias, uniformes antigos, cadernos de alunos, jornais, dentre outros, constituem o acervo do CAP-UERJ.

Trabalhamos com a corrente de pensamento que apresenta um alargamento da noção de documento (LE GOFF, 1984). Nesse sentido, consideramos que não só os documentos oficiais são dotados de informações relativas à instituição, mas também aqueles originados nas atividades realizadas pelos alunos, pais, funcionários, professores e toda a comunidade escolar.

2 Forma em que um documento é apresentado de acordo com a utilização comunicação e leitura do seu conteúdo. (audiovisual fonográfico (discos, fitas); iconográfico; textual; tridimensionais (esculturas, objetos, roupas); magnéticos/informáticos)

3 É a forma que assume um documento de acordo com a disposição e a natureza das informações nesse contidas. (ata, relatório, carta, ofício, diploma etc.) MARTINS, 1998, pág. 6.

Esse aspecto promove reflexos no planejamento e efetivação no trabalho do CAP-UERJ. A ampliação da noção de documento requer de nós maior reflexão sobre a *práxis* arquivística, pois temos um acervo com diferentes suportes e espécies de documentos. O trabalho é árduo. Entretanto, esse trabalho também tem suas compensações. A possibilidade de enxergar diferentes narrativas sobre trajetória da instituição investigada, o reconhecimento de diversos sujeitos que contribuem para a (s) história (s) do CAP-UERJ e o movimento de rememoração de reminiscências esquecidas, sem as quais não é possível entender a instituição como um todo, assim como as suas diferentes memórias, são algumas das valiosas contrapartidas que nos fazem continuar no movimento de construção e manutenção deste *lugar da memória* (LE GOFF, 1984).

O trabalho de organização da documentação do CAP-UERJ começou mais sistematicamente em 2008 com a separação do acervo segundo a sua origem. No CAP-UERJ existem alguns departamentos, cada um produzindo documentos em decorrência das suas atividades. Para a organização do *lugar de memória* do colégio, respeitamos a origem da documentação separando-os segundo os departamentos que os produziram. Schelleberg (2006, p. 95) discorre em relação a arquivo que “o objetivo da organização e classificação é facilitar a localização dos documentos quando se fizerem necessários”. Para uma organização que promova uma recuperação da informação de maneira eficaz, nesse projeto utilizamos o organograma⁴ do CAP-UERJ para separar os documentos de acordo com a sua procedência.

O organograma é uma importante ferramenta para organização do acervo de uma instituição que produz muitos documentos. A visualização da hierarquia institucional de todas os setores e departamentos do CAP-UERJ facilita o trabalho na medida que nos expõe a maioria dos departamentos do colégio, assim como sua organicidade. Também é importante ressaltar que com o auxílio do organograma para a organização deste acervo alguns dos princípios básicos da arquivologia são postos em prática, como o respeito à proveniência da documentação mencionada acima.

O respeito aos fundos, ou seja, ao conjunto de documentos de uma mesma proveniência é um dos princípios metodológicos mais importantes da ciência arquivística. A consideração dos diferentes fundos na organização do acervo significa que a documentação produzida por uma entidade coletiva, pessoa ou família não deve ser misturado com a documentação de outras entidades produtoras. Cada departamento do CAP-UERJ é entendido como um fundo e organização. A documentação oriunda desses departamentos é organizada de modo a atender esse princípio arquivístico.

Nem todos os produtores de documentos são encontrados no organograma (grêmio estudantil, funcionários, por exemplo), e esses grupos também são considerados como fundos. Todavia, entender como o CAP-UERJ é estruturado é fundamental para conseguir êxito na tarefa de organização do acervo de um lugar de memória.

Após a separação da documentação em fundos, a organização acontece de acordo com a data em que o documento é produzido. No acervo do CAP-UERJ há documentos das décadas de 70, 80 e 90 do século passado, e também documentos desse século. Para que os documentos possam ser disponibilizados ao público em geral, a forma que empregamos para disposição do acervo no Centro de Memória é o arranjo estrutural⁵ seguido de um enfoque cronológico, separando por década, ano e mês de produção do documento.

Para o banco de dados desse acervo, elaboramos fichas de catalogação para nelas redigir as informações dos documentos. Elementos como data, título, quantidade de

4 Representação gráfica dos órgãos hierárquicos de uma instituição.

5 Método de organização que tem por eixo a estrutura administrativa da entidade produtora do Arquivo. (Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. 2004: 29)

páginas, conteúdo, tipos de suporte, além da procedência, são localizadas nesse banco de dados. Para a organização das fotografias, nós estamos organizando esse acervo de acordo com a temática que a foto apresenta. Existem fotos de formaturas, feiras de ciências, excursões e passeios, olimpíadas internas do colégio etc..

O enfoque cronológico também é usado para as fotografias organizadas. Tal forma de organização temática tem dado resultado para o acervo fotográfico do CAP-UERJ. Para as fotos, estão sendo elaboradas fichas catalográficas com as informações referentes nesse acervo. Como no banco de dados dos documentos impressos, informações como data da foto, tipo de suporte, nome das pessoas que estão na foto, procedência etc. estarão disponíveis no banco de dados do acervo fotográfico.

Uma das dificuldades encontradas no projeto de organização do acervo é falta de recursos materiais adequados tais como: computadores, armários, luvas, máscaras, matérias contra mofo e cupins, dentre outros.

Considerações finais

Há ainda muito que fazer em relação ao Centro de Memória do CAP-UERJ. Sabemos de nossas imitações, mas também nossa grande vontade de contribuir com a história de nossa escola. Algumas parcerias já se iniciaram, algumas estão ainda em gestação. Queremos produzir um vídeo com os depoimentos daqueles que já entrevistamos. Há também um desejo de fortalecer a nossa vocação para produção de material didático que possa contribuir com as aulas das diferentes disciplinas do colégio.

O trabalho com história e memória institucional impõe limites, mas revela muitas possibilidades. Talvez por enxergarmos as muitas possibilidades de trabalho, temos insistido em nossa pesquisa. Autores como Halbwachs, Ricoeur, Pollak e Nora têm nos ajudado a ver que é preciso continuar, apesar de todas as dificuldades.

Sabemos que a extensão universitária pressupõe uma ação junto à comunidade, a fim de disponibilizar ao público externo à Instituição, saberes produzidos na articulação entre ensino e a pesquisa. Desta forma, nosso projeto de extensão, em diálogo com os outros pilares acima indicados, tem, na sua ação, produzido novos conhecimentos acerca da instituição onde se centra, mas também sobre a própria história da educação. Sabemos que a ideia da extensão está associada ao compromisso de que o conhecimento tecido nas instituições possa transformar a realidade social, intervindo em suas deficiências e não se limitando apenas à formação dos alunos regulares daquela instituição. Temos buscado insistentemente que nosso projeto de extensão possa contribuir para a construção de relações mais próxima e fortalecidas entre a universidade e a comunidade. É deste desejo e compromisso que nos alimentamos diariamente.

REFERÊNCIAS

- ARQUIVO NACIONAL. Dicionário brasileiro de terminologia arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2004.
- BENJAMIN, W. 1994. Obras Escolhidas. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense.
- CERTEAU, Michel. A Invenção do Cotidiano. Petrópolis, RJ, Vozes, 1994.
- GINZBURG, Carlo. Mitos, emblema e sinais. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- LE GOFF, Jacques. "Documento Monumento". In: História e Memória. Campinas: Editora Unicamp. 2003, p.525 - 541.
- _____. Memória. Enciclopédia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1984. v. 1.
- MARTINS, Neire De Rossio. Noções básicas para organização de Arquivos ativos e semi-ativados. In: Arquivo Central do Sistema de Arquivos/UNICAMP. 1998.
- MEDEIROS, Ruy Hermann Araújo. Arquivos Escolares. In: A pesquisa e a preservação de arquivos e fontes para a educação, cultura e memória. Campinas: Ed. Alínea, 2009.
- THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória – questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. In: ANTONACCI, Maria Antonieta e PERELMUTTER, Daisy (orgs.). Projeto História – ética e história oral. São Paulo: PUC/SP, abr./97, (15): 51-84.
- SCHELLEMBERG, T.R. Arquivos Modernos: princípios e técnicas. Trad. Nilza Teixeira Soares. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 6ª Edição. 2006.

